

Como dói

Sou de uma família de 3 irmãos, nascida e criada em São Paulo capital. Sempre morei com dignidade e meus pais tornaram o mais precioso valor, os estudos para os filhos. Se orgulharam de formar em faculdade os 3 filhos e nos estimularam à vida cultural. Alimentação era exagerada (a ponto de contarmos com caixa de abacaxi, abacate, mexerica no quintal pois nem cabiam na cozinha) e era de boa qualidade. Nossa história, é cheia de superações e dores, como é comum às famílias. Minha irmã mais velha faleceu. Eu e meu irmão temos hoje 56 anos.

Minha mãe é de uma família de 10 irmãos, em São Paulo capital. Ela começou a trabalhar bem cedo, com uns 10 anos, imagino. Estudou até 4ª série primária. Hoje ela está com 90 anos. Foram pobres, minha avó lavadeira e buscava pão amanhecido na padaria para pagar menos.

Meu pai é de uma família de 5 irmãos, em São Paulo capital. Meu avô foi marceneiro. Ele também começou a trabalhar muito cedo e se lamentava até o fim de sua vida por ter perdido uma bolsa de estudos para o curso técnico devido a não ter sapatos para ir à escola. Somente ele na sua família valorizou os estudos e quando adulto fez nível técnico e superior à distância (num programa especial que reconhecia os profissionais formados na prática). Tornou-se engenheiro agrimensor aos 40 anos. Faleceu com 80 anos.

Comecei a trabalhar com 13 anos. Estudei com facilidade até a faculdade, fui uma dessas crianças chamadas de “inteligente” pela facilidade nas ciências. Me formei aos 21 anos em administração de empresas pela FAAP. Trabalhei mais de 20 anos em RH e fiz muitos outros tipos de trabalho inclusive fora de São Paulo.

Aos 29 anos me encontrei com a antroposofia no meu caminho de autoconhecimento. Desde então estudo sem parar antroposofia sempre conectada com a vida prática, focada no desenvolvimento humano. Fiz algumas formações de longa duração nesse campo.

Faz 16 anos que saí do mundo das empresas e passei a trabalhar no terceiro setor, em ações para o desenvolvimento de pessoas em vulnerabilidade social. Muitos tipos de situações e de emoções vivi, e cresci em competências e consciência. Quanto mais cresço assim, mais me preenchem as perguntas. Descubro sempre que tanto estou por descobrir. Um futuro me convoca.

Hoje estou me vendo como alguém frequentemente sendo buscada por pessoas em vulnerabilidade. Às vezes mais no âmbito emocional e espiritual, e frequentemente o âmbito físico vem junto. Isso não importa muito. O que mais importa agora, é que eu vivo intensamente a dor da exclusão. **Dor de ser rejeitado antes mesmo de ser visto.** Ela se expressa nas nossas vidas com as mais diversas aparências, sempre obscurecendo nossa natureza divina. São sutilezas no cotidiano. Num momento me vejo como vítima e em outro, o algoz insensível.

Na nossa ordem social, o modo que criamos para compartilharmos a vida, me fere a cada dia, ainda que já me pareça familiar! As informações das situações de vulnerabilidade social nos chegam por todos os lados. Aprendi a filtrar e “desviar” do confronto com essa dor para sobreviver. Porém meu ser MAIS humano, ahh ele vê, se reconhece, guarda impressão por

impressão, e as alimenta, mantém vivas sempre que eu me sinto outra vez impotente, pequena e pouco sábia sempre que a realidade social me envolve e acorda minha atenção.

No caminho aprendi a reconhecer essa dor que chamo de “dor social”. Todos sofremos dela, pelo abismo que nos separa uns dos outros por códigos de classificação, quase sempre inconscientes. Mas aqui quero dirigir o olhar para os motivos que nos levam a crer que somos pequenos, inferiores, fracos para alcançarmos os meios de nos sentirmos inseridos socialmente. Posso relacionar muitas ideias em torno do que significa estar socialmente inserido. Porém isso não me ajuda porque a dor não diminui. Estou conectada agora apenas com a dor.

E como dói quando alguém por perto, ao vivo com olhos nos meus olhos, está se mostrando por meio dessa dor que nos conecta. COMO DÓI.

Sou também capaz de tecer pensamentos de compreensão do ponto de vista cármico, das pessoas, famílias, povos e épocas. Porém isso também não me ajuda agora porque a dor não diminui. Estou conectada agora apenas com a dor.

Dedico-me a viver essa dor agora. Sou inundada e revolvida. Nada do que sei ou penso saber me alivia. A dor de não pertencer. Quisera eu pudesse com meu abraço fazer desaparecer a distância entre mim e todos os outros, principalmente aqueles de diferentes valores e visões de mundo. Aqueles que fisicamente estão distantes do meu modo de morar, de comer, de conhecer. Principalmente daqueles que estão na borda da cidade, da minha e de todas as grandes cidades. Isso me parece especialmente cruel nas grandes cidades.

Claro que com tudo podemos crescer, cada um pode. Porém vejo ser a dor social algo de que não podemos nos curar por tratar-se de ir com outros, com todos em verdade. Paradoxalmente nela me conecto com todos. Nessa dor, eu pertença ao todo, ao Um.

Não sou capaz de imaginar como seria estar curada dessa dor. Apenas anseio.

Anseio.

Anseio.

anseio

anseio

Rakel Nohva

Julho / 19